

# FRACASSO ESCOLAR: AS DIFICULDADES NO PROCESSO EDUCATIVO

## FRACASO ESCOLAR: LAS DIFICULTADES EN EL PROCESO EDUCATIVO

Ismael Lemes Vieira Júnior 1

**Resumo:** O presente trabalho tem por finalidade abordar o tema "Fracasso escolar: as dificuldades no processo educativo", em uma escola da Rede Pública Municipal de São Luis de Montes Belos/GO. Apresenta em seu contexto uma análise teórica acerca do Fracasso Escolar visando pontuar as causas, as consequências e possibilidades. Para dar ênfase ao trabalho, os principais teóricos que embasaram as análises do tema proposto foram Freire (1999); Ireland (2007); Libâneo (2004) entre outros. O fracasso escolar é parte de um dos problemas mais graves da educação brasileira, algo que pode ser evidenciado nos mais variados níveis de ensino. O fracasso escolar pode ser produzido na relação entre o aluno, o professor e a escola. Para tanto, percebe-se que há necessidade de um estudo aprofundado acerca do tema proposto.

**Palavras-Chave:** Fracasso Escolar. Educação. Prática Pedagógica.

**Resumen:** El presente trabajo tiene por finalidad abordar el tema "Fracaso escolar: las dificultades en el proceso educativo", en una escuela de la Red Pública Municipal de São Luis de Montes Belos /GO. Presenta en su contexto un análisis teórico acerca del Fracaso Escolar para apuntar las causas, las consecuencias y posibilidades. Para dar énfasis al trabajo, los principales teóricos que basaron los análisis del tema propuesto fueron Freire (1999); Irlanda (2007); Libâneo (2004) entre otros. El fracaso escolar es parte de uno de los problemas más graves de la educación brasileña, algo que puede ser evidenciado en los más variados niveles de enseñanza. El fracaso escolar puede ser producido en la relación entre el alumno, el profesor y la escuela. Para ello, se percibe que hay necesidad de un estudio en profundidad sobre el tema propuesto.

**Palabras Clave:** Fracaso Escolar. Educación. Práctica pedagógica

---

Administrador de Empresas (2005) inscrito nos respectivos Conselhos de Administração - CRA/MT - 3591 CRA/GO - 12773. Bacharel em Direito. Pós Graduado em Docência Universitária (2007), Especialista em Sistema de Garantias dos Direitos Fundamentais de Criança e Adolescente - Visão Multidisciplinar (2009), Pós Graduado em Marketing Educacional (2010), Pós Graduado em Gestão e Orientação Educacional (2011), Pós Graduado em Logística Empresarial (2012). Especialista em Gestão de Pessoas (2013). Mestre em Ciências da Educação. Consultor Organizacional.  
E-mail: ismael.jr@terra.com.br

## Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo pontuar causas e consequências do Fracasso Escolar escolar nos diferentes contextos apresentados pelos teóricos pesquisados, bem como na pesquisa de campo, realizada em uma Escola da Rede Pública Municipal na Cidade de São Luis de Montes Belos/GO, buscando esclarecimentos sobre o processo de aprendizagem e a relação com o fracasso escolar.

Para a elaboração do trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, seguindo o método dialético histórico, embasada em teóricos como: Freire (1999); Ireland (2007); Libâneo (2004) entre outros e uma pesquisa de campo. O Fracasso Escolar apresenta-se como um tema preocupante para professores e comunidade escolar, este está associado aos atos de Indisciplina dos alunos. Percebe-se que os alunos que não frequentam as aulas diariamente, não apresentam boas notas, não têm uma boa participação durante as aulas, apresentam um comportamento indisciplinado.

Ao propor medidas de ação de combate à Indisciplina, os autores pesquisados deixam claro que estas, devem envolver também a postura do professor em sala de aula e na escola, pois várias vezes a prática pedagógica do professor não é atraente aos olhos do aluno, o professor não apresenta uma metodologia diferenciada, com isso, o aluno irá procurar algo melhor para fazer, o que nem sempre são atos indisciplinados, contudo, diante das regras impostas, são considerados como inadequadas. Faz-se também uma leitura sobre as perspectivas de ação por parte da família, do professor/escola e da sociedade.

## Fracasso escolar: Histórico no Brasil

No Brasil, o fracasso escolar, como um problema social, somente começou a configurar-se a partir do século XX. Segundo Ireland (2007, p. 56), nessa época o “Brasil iniciava de forma mais contundente a passagem de uma economia predominantemente rural para a urbana industrializada”.

Essa mudança exigia que o país construísse um sistema educacional que atendesse às grandes massas e desse a elas uma educação que beneficiasse o mundo contemporâneo em suas exigências. De acordo com Bossa (2002, p. 19):

No Brasil, a escola torna-se cada vez mais o palco de fracassos e de formação precária, impedindo os jovens de se apoderarem da herança cultural, dos conhecimentos acumulados pela humanidade e, conseqüentemente, de compreenderem melhor o mundo que os rodeia.

Assim, foi somente após a instituição de um sistema educacional voltado para uma sociedade urbana industrializada que o fracasso escolar se configurou como um problema educacional e social. Porém, é necessário levar em consideração as palavras de Cordié (1996, p. 17) a respeito da constituição do fracasso escolar:

O fracasso escolar é uma patologia recente. Só pôde surgir com a instauração da escolaridade obrigatória no final do século XIX e tomou um lugar considerável nas preocupações de nossos contemporâneos, em consequência de uma mudança radical na sociedade [...] não é somente a exigência da sociedade moderna que causa distúrbios, como se pensa muito frequentemente, mas um sujeito que expressa seu mal-estar na linguagem de uma época em que o poder do dinheiro e o sucesso social são valores predominantes.

Dessa maneira, o autor aponta para dois fatores que contribuíram historicamente para configurar o fracasso escolar: a escolaridade que passou a ser obrigatória exigida pela sociedade contemporânea e a insatisfação do indivíduo com as relações sociais e econômicas de sua época. Exigência social e insatisfação individual foram, portanto, os primeiros sintomas do fracasso escolar no Brasil. Nesse contexto, Ireland (2007, p. 57-58) faz a seguinte consideração:

A própria noção de fracasso escolar no Brasil parece ser

bastante difusa; não há ainda, no plano da ação, uma agenda na qual se possa indicar o que vem conseguindo reunir os diferentes segmentos sociais ao redor da priorização da educação nacional e da busca do sucesso escolar. Do mesmo modo, no plano da construção de conhecimento sobre a temática, o impacto dos estudos parece se restringir ao uso que deles se faz no mundo acadêmico.

Assim, pode-se dizer que, atualmente, há dois problemas que dificulta a busca por soluções do fracasso escolar no Brasil: falta de prioridade e falta de estudos mais aprofundados na área. Enquanto não houver ações e conhecimentos sobre o tema, o fracasso escolar continuará a assombrar a educação brasileira.

### **Fatores que contribuem para do fracasso escolar**

Entender os aspectos e buscar desmistificar o fracasso escolar, apontando soluções para problemas existentes no sistema educacional, é fundamental, pois como afirma Carraher (2006, p. 23), “a evasão e o fracasso escolar aparecem hoje entre os problemas de nosso sistema educacional que são estudados de forma relativamente intensa”. Essa preocupação deve-se principalmente ao fato de que os estudiosos veem a necessidade de identificar a responsabilidade da escola sobre o fracasso escolar, tirando essa responsabilidade somente do aluno.

Vários são os fatores que contribuem para que ocorra o fracasso escolar em todas as áreas: sociais, culturais, econômicos, psicológicos, familiares e educacionais. Entre esses fatores, escolhemos a dificuldade de aprendizagem e a relação entre o aluno e a escola para serem abordados, por acreditarmos que são sintomas gerais na configuração atual do fracasso escolar.

Os estudos de Cordié (1996) levam em consideração várias causas que condicionam a aprendizagem do aluno, sendo que o baixo resultado é reflexo de fatores que, agindo uns sobre os outros, interferem em seu desempenho na escola, funcionando como um círculo vicioso. A conjunção de fatores pode determinar a possibilidade ou a impossibilidade de o aluno sair da condição em que se encontra, no sentido de resolver suas dificuldades de aprendizagem.

Hoje, está mais do que evidente que a participação da família na formação do indivíduo é primordial. No que se refere aos alunos das séries iniciais, isso fica ainda mais claro, pois as crianças e adolescentes encontram-se numa fase em que precisam de apoio e estímulos para que possam construir sua personalidade, seu conhecimento e se socializar. Então, a família que participa das reuniões escolares, que acompanha o aluno em suas atividades, ou seja, que se mostre presente, pode fazer com que o aluno supere muitas de suas dificuldades de aprendizagem.

Nas famílias de classes menos favorecidas, observa-se uma frequência maior dos níveis de repetência e evasão escolares, devido aos mais variados motivos, especificamente na 1ª série do ensino fundamental. As razões para isso podem estar condicionadas ao afastamento da família da escola.

Em famílias de baixa renda, a probabilidade de ocorrer o fracasso escolar pode ser maior, pois, além dos percalços das próprias condições econômicas que cercam a criança e o adolescente, levando-as até ao afastamento das escolas, por falta de condições de frequentá-la, também podemos considerar outros aspectos, como os biológicos, culturais.

Não obstante, muitos profissionais da educação não se encontram preparados ou motivados o suficiente para compreender a realidade dos alunos com dificuldades de aprendizagem. Ainda segundo Almeida *et al* (2003), a escola pública, muitas vezes, não está preparada para receber crianças e adolescentes de baixa renda, pois trabalham visando um tipo de aluno ideal, que não condiz nem com a realidade do aluno, muito menos com a realidade da escola.

Outro fator alarmante é o fato de muitos alunos abandonarem as escolas por terem de se submeter ao trabalho. As imposições do mundo capitalista, o desajuste familiar, os níveis de subsistência das camadas mais pobres cada vez mais precários, entre outros aspectos, fazem com que os pequenos tenham que trabalhar muito cedo, ficando sem estímulos de permanecerem na escola.

Numa concepção marxista, Meksenas (1994) afirma que a educação escolar moderna acaba por desempenhar o papel de transmissora de uma ideologia dominante que representa as regras

de funcionamento da escola, de seus conteúdos de aprendizado, fornecendo meios para reproduzir a desigualdade social trazida pelo capitalismo. Ao transmitir a ideologia da classe dominante, a educação reproduz somente os interesses dela. Sendo assim, como temos uma sociedade de classes sociais que se contradizem e que estão em conflito, a educação e a escola seriam a própria reprodução dessas divisões e conflitos.

Então, a família e a escola podem ser pensadas como a chave para que se construam os meios necessários para evitar a repetência e estimular a permanência dos alunos nas escolas. Família e escola são pontos cruciais que, funcionando em conjunto, são extremamente importantes para que, tanto professores quanto alunos, sigam o caminho que leve ao sucesso escolar.

As dificuldades de aprendizagem são frequentemente associadas ao fracasso escolar. Estudos realizados por Almeida et al (2003, p. 39) indicam que tais aspectos “são condicionados a uma resposta insuficiente do aluno às exigências da escola”. Tal questão pode ser compreendida sob diferentes perspectivas que, na maioria dos casos, partem do aspecto social, sendo que este, de certo modo, permeia os demais aspectos da vida humana.

Dentre as exigências escolares que se pode adicionar os seguintes fatores relatados por Marchesi e Gil (2004): o cumprimento do horário, a frequência, as avaliações e a aprovação regular para os anos seguintes, entre outros aspectos relativos ao rigor com o qual é tratada a educação. O aluno, ao não alcançar tais objetivos singulares da escola, pode estar fadado a adiar a finalização do período escolar.

Ainda nos estudos de Almeida et al (2003), o mau resultado ou mau êxito do aluno na escola funciona como uma reação a um sistema que não respeita ou exclui esse aluno. Um dos maiores problemas estaria centrado no não reconhecimento do conhecimento prévio do aluno, suas experiências, levando-o a simplesmente acumular informações que, muitas vezes, são infrutíferas e pouco condizem com a sua realidade pessoal e social.

Além disso, muitos alunos, especialmente do Ensino Médio, além de estudarem precisam trabalhar ou fazer estágio para terem uma renda financeira mensal para ajudar a família. Com isso, o aluno diminui o tempo para se dedicar ao estudo, cansa-se mais e sofre mais pressão na escola para não reprovar. É nesse sentido que Almeida et al (2003), ressalta que a escola não está desvinculada do sistema socioeconômico, sendo também um reflexo dele. Deste modo, os saberes a serem absorvidos pelos alunos dependerão da forma com que as informações lhes são transmitidas, assim como essas dependerão das condições sociais determinantes da qualidade do ensino.

## **Relação aluno e escola**

Na escola, segundo Harper et al (2000), não se aprende apenas conhecimentos, aprende-se também uma série de valores oficiais e de normas de comportamento, assim como de outros valores impostos por certas práticas pedagógicas, como: o aprendizado do individualismo, do sentimento de inferioridade, da submissão, do respeito pela ordem estabelecida e do medo do conflito. Ela pode dessa forma impedir a criatividade, abafar a imaginação, dividir e isolar as pessoas e inculcar a dependência; práticas que reproduzem a desigualdade entre as classes sociais diferentes e levam os alunos a fracassarem.

O que se espera é que a escola dê instrução, qualificação, informação e autonomia para aprender; mas, segundo Patto (1999, p.157), na realidade, os anos de escola produzem um grande número de fracassos, os quais, grande parte da literatura atual, mantendo “forte adesão a estereótipos e preconceitos sociais”, ainda culpabiliza o aluno, especialmente, aqueles oriundos das classes menos favorecidas, “baseadas na teoria da diferença cultural”.

Esse problema é devido ao fato de que os professores esperam que todos os alunos de uma turma tenham as mesmas capacidades de aprendizagem; por isso, aqueles que não conseguem acompanhar a média da turma acabam caminhando rumo à reprovação. Quanto a isso Perrenoud (1999, p. 56) afirma que:

A maioria dos métodos de ensino age como se todos os alunos reunidos em uma turma tivessem que realizar as mesmas aprendizagens. Na realidade, sobretudo no domínio da língua, isso é pura ficção. Uma parte dos alunos do primeiro ano primário já sabem ler e gastam inutilmente tempo, espaço,

energia, que seriam melhor utilizados em favor dos alunos que precisam realmente aprender a ler... Se a escola dedicasse seus esforços aos alunos que realmente precisam dela, ela lutaria de modo mais eficaz contra o fracasso escolar.

Portanto, para haver uma mudança na escola é necessário buscar algumas saídas, como por exemplo: articular a vida escolar em torno da atividade dos alunos; privilegiar sua evolução sócio-afetiva; questionar o papel do professor; desenvolver uma vida de grupo dentro da sala de aula. Segundo Perrenoud (1999), o educador precisa fazer experiências novas, interessar-se pelas diferentes dimensões de uma pedagogia mais criativa, participativa e democrática.

Segundo Harper et al (2000), na escola tudo parece bem, mas na verdade as coisas vão mal. Vão mal com os alunos: há os que gostam de estudar e os que se chateiam na escola; alguns desentendem no mobiliário ou no prédio e outros nos colegas. Muitos estão preocupados em aprender e se esforçam para isso, mesmo diante das dificuldades, mas alguns querem é deixar a escola o quanto antes, pois acham que a escola é apenas uma obrigação, não lhe dando o valor devido. As coisas também vão mal com os pais, que reclamam porque os filhos perdem oportunidades, reclamam dos currículos, das notas, por não poderem mudar as coisas, porque os programas são impostos, reclamam também dos professores e das tarefas de casa, que segundo eles, não servem para nada. Vão mal com os professores: alguns estão satisfeitos, mas outros estão muito preocupados. Porque antigamente a sala de aula era o lugar onde o professor se firmava, mas hoje, o professor entra apreensivo na sala de aula por não se adaptar ao modelo pedagógico.

Muitos professores, segundo André (1999), tentam mudar a metodologia de ensino utilizada na escola, mas esbarram em obstáculos. Por isso, ensinam o que os currículos lhes impõem, sem perceber, que na maioria das vezes, os conteúdos ensinados não satisfazem às expectativas dos alunos. O fracasso escolar é, portanto, a resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola. Na escola o ato de ensinar está comprometido com a construção do ato de aprender, e é a má qualidade do ensino que provoca um desestímulo na busca do conhecimento.

Em muitos casos, continua a autora, a origem do fracasso está na má condução do processo de ensino. As falhas escolares mais comuns são a qualidade e dosagem da quantidade de informações transmitidas e a forma de cobrança ou avaliação que é realizada pelos professores. Esse processo de aprendizagem causa diversos tipos de ansiedade nos alunos.

O professor, na opinião de Codo (1998), é responsável por orientar e dirigir o processo de percepção, compreensão, reflexão e aplicação dos conhecimentos e desenvolvimento das capacidades e habilidades do aluno. Assim, o ato de ensinar é uma combinação adequada entre a condução do processo de ensino pelo professor e a assimilação ativa como atividade autônoma e independente do aluno.

Portanto, para evitar o fracasso dos alunos, a escola precisa estar adequada ao que a sociedade necessita como conhecimento específico dos alunos que serão colocados no mercado de trabalho; porém, a sociedade deve não apenas cobrar da escola, como também, participar dela. Nesse caso, a comunidade tem de estar presente ativamente na escola, nas tomadas de decisão e na formulação dos planos e projetos pedagógicos escolares, dando opiniões, sugerindo mudanças, para que juntos possam buscar uma escola melhor para todos os alunos.

Com a participação efetiva da comunidade na escola, a relação entre os alunos e a escola pode ter uma melhoria e uma integração maior o que levaria a uma aprendizagem maior e mais eficaz.

### **A linguagem utilizada na escola**

Para valorizar os alunos, afirma Franchi (1998), os professores precisam partir da linguagem deles para depois, aos poucos, ir ensinando a língua-padrão. Isso porque a escola tornou-se um lugar de inibição e restrição, em que os alunos não podem expressar-se naturalmente na língua em que falam, visto que são cobrados a falar uma linguagem oficial que não faz parte de seu cotidiano. Pois, os professores não procuram compreender a linguagem de seu aluno e se esforça para transformá-la; assim, ao invés de promover o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos, leva-os à perda de sua linguagem diária, aquela com a qual se comunica fora da escola.

Em sua pesquisa com alunos de várias escolas, Franchi (1998), afirma que não pensou em deixar seus alunos à margem do dialeto culto, por estar convencida de que apesar de não ter o direito de violar a sua linguagem e repetir os procedimentos de estigmatização de seu dialeto, também não tinha o direito de privar seus alunos do acesso a um dialeto pelo qual seriam depois avaliados pela sociedade. Para conseguir seus objetivos, a autora diz ter se utilizado da leitura, diálogo, exploração e interpretação de textos falados ou escritos, assim como produção de textos, usando o material produzido como fonte de informação para fazer uma avaliação permanente.

Nessa experiência da autora observa que ousou inovar, deu aulas diferentes e teve sucesso: fez com que os alunos aprendessem fazendo, com isso eles se tornaram sujeitos ativos na construção de seus conhecimentos. É essa ousadia que falta à maioria dos professores. É preciso ter coragem para criar novas metodologias, novas técnicas e novas formas de relação com o conteúdo, objetivando proporcionar ao aluno o aprendizado, e fazê-lo emergir da zona do fracasso. Nesse caso, o papel do professor é também o de ser amigo dos alunos e orientador das atividades em sala de aula.

Isso porque, o povo brasileiro sempre conviveu com uma dualidade em sua língua: há a língua padrão descrita nas gramáticas tradicionais e a língua não-padrão que se aprende no convívio com o outro. Essas duas formas da língua diferem em vários pontos: a língua padrão é falada por um número reduzido de pessoas, possui normas e regras fixas e é mais utilizada na escrita. A língua não-padrão é falada pela grande maioria dos brasileiros, está em constante transformação e não apresenta normas e regras descritivas.

O professor, por ter consciência desse fato, buscará a valorização da língua utilizada por seus alunos, pois ao não fazer isso, ele corre o risco de não conseguir fazer com que seus alunos aprendam a gramática portuguesa. Diante disso, Perini (2000, p. 49) afirma que: “o ensino de gramática tem três defeitos, que o inutilizam enquanto disciplina: primeiro, seus objetivos estão mal colocados; segundo, a metodologia adotada é seriamente inadequada; e, terceiro, a própria matéria carece de organização lógica.”

Por isso, os professores adequarão os textos e seu discurso à linguagem que o aluno possa compreender, para não correr o risco de não ser entendido ou ser mal interpretado, pois esse é um fator que leva o aluno a se desinteressar por determinada disciplina. Nesse contexto, Cagliari (1997) afirma estar preocupado com os problemas técnicos relativos à fala e à escrita no processo de alfabetização e solução dos mesmos.

Este mesmo autor, fala que a criança ao entrar na escola para se alfabetizar, já é capaz de falar e entender a língua com desembaraço e precisão; esse aprendizado ocorreu naturalmente, sem treinamento específico. Ela foi exposta ao mundo linguístico que a rodeia e nele foi traçando o seu caminho, criando o que lhe era permitido fazer com a linguagem. As regras da língua por ele utilizadas, são o espelho da comunidade linguística a que está ligado.

Por isso, entre as habilidades e as competências a serem desenvolvidas na escola está o domínio de sua língua materna, que vise dar ao aluno a oportunidade de que haja um aprendizado verdadeiro, a fim de que ele se aproprie do padrão formal de sua língua materna, que conheça os vários tipos de textos existentes e que possa produzi-los tanto na oralidade quanto na escrita. Mesmo porque é através da língua que se dá a comunicação e os relacionamentos sociais. O aluno vai precisar da forma da língua para poder expressar-se em ambiente que o exija, para redigir textos científicos ou formais e para prestar provas de concursos e vestibular.

Os professores precisam, no entanto, levar em consideração que é preciso considerar que a linguagem verbal tem seu valor nas relações sociais. Por isso, de acordo com Cagliari (1997), não se pode discriminar a língua que seu aluno fala, ela foi gerada por toda uma cultura e uma vivência dele fora da escola; da mesma forma não se pode querer que ele fale o dialeto padrão que é totalmente desvinculado de seu cotidiano. No entanto, sabe-se que muito do que é permitido na linguagem oral, não se admite na linguagem escrita, por isso, é importante que ele aprenda a norma culta. Mas, para que o ensino se dê de forma prazerosa, é necessário que os professores adotem práticas menos trágicas das que as que são atualmente adotadas.

Para que se resolva o problema do fracasso escolar na educação brasileira, deve-se pensar em soluções a partir do que o educador faz, é ele que está diretamente relacionado com o educando, que ao chegar na escola traz consigo uma gama de conhecimentos adquiridos de sua vivência e da

cultura à qual pertence, conhecimentos diferentes daqueles que a escola ensina e que não são valorizados pela escola.

Por isso, os professores devem estar cientes de que uma parcela da culpa pelo fracasso do aluno é devido à sua linguagem rebuscada, tanto na fala quanto na escrita, da sua não valorização da língua que o aluno utiliza e também dos métodos de ensino que usa para ensinar a língua ao aluno. O professor consciente dessa sua responsabilidade buscará uma linguagem mais acessível aos alunos para que assim ele possa vir a ter sucesso nas diversas disciplinas escolares.

A formação dos futuros cidadãos é de responsabilidade da escola e, conseqüentemente, dos professores. Por isso, conforme o pensamento de Freire (1999) não é justo que os alunos continuem a receber uma educação alienante que não os levem a pensar, a ter uma visão crítica do mundo e a defender seus direitos. Esse tipo de educação irá proporcionar a continuação das diferenças de classes, pois formará entre as classes mais baixas, apenas mão-de-obra barata e pessoas facilmente manipuláveis.

Dessa forma, o professor não é livre para ensinar e educar, pois pode estar apenas servindo a quem o educou para ensinar; porque, a educação não é livre das manipulações políticas. Como diz Brandão (1995), a educação serve tanto para transformar o homem para melhor quanto pode servir para deseducá-lo. Quando a educação transforma o homem está formando cidadãos conscientes, mas quando deseduca, está levando o aluno a um possível fracasso.

## **A relação professor, aluno e escola**

Na escola não se aprende apenas conhecimentos, como afirma Freire (1999), aprende-se também uma série de valores oficiais e de normas de comportamento; assim como de outros valores impostos por certas práticas pedagógicas, como: o aprendizado do individualismo, do sentimento de inferioridade, da submissão, do respeito pela ordem estabelecida e do medo do conflito.

Dessa forma, a escola pode impedir a criatividade, abafar a imaginação, dividir e isolar as pessoas e inculcar a dependência; práticas que reproduzem a desigualdade entre as classes sociais diferentes e levam os alunos a fracassarem. O que se espera é que a escola dê instrução, qualificação, diplomas, mas na realidade os anos de escola produzem um número impressionante de fracassos.

Segundo Freire (1999), ensinar é algo de profundo e dinâmico, em que a questão de identidade cultural atinge a dimensão individual e a classe dos educandos e educadores, por isso, é essencial uma prática educacional que seja progressista. Assim, torna-se imprescindível que haja uma solidariedade tanto social quanto política, com isso se evitará que haja um ensino voltado para a elite e que seja realizado de forma autoritária, onde o professor é o dono do saber e o aluno um saco vazio que deve ser enchido com os saberes que o professor traz para ele.

E salienta que educar não é a mera transferência de informações, mas sim conscientização e testemunho de vida, senão não teria eficácia. A educação precisa fornecer a todos, forças e referências intelectuais que lhes permitam conhecer o mundo que os rodeiam e agir como atores responsáveis e justos.

Como diz Harper *et al* (2000), hoje, as crianças e adolescentes das classes baixas têm maior acesso à escola, no entanto suas possibilidades de êxito permanecem muito menores do que as dos filhos das classes médias e altas. Isso porque há muitas reprovações e discriminações na seleção. Na realidade, a desigualdade permanece, e é observável nos índices de reprovação e na seleção para os cursos superiores. Outro problema é a evasão. A escola brasileira seleciona e exclui os mais pobres. Dessa forma, ela reproduz a divisão da sociedade em categorias sociais distintas.

Porém, a passagem pela escola ainda representa a esperança de sobrevivência e melhoria de vida para muitas pessoas. Por isso, há uma necessidade urgente de discutir o papel socializador da escola e seus componentes morais e éticos. Isso porque os professores lidam com crianças e jovens de culturas diferentes.

A escola, no entanto, tem a tendência de querer homogeneizar. Afinal, é na escola que o aluno está sendo avaliado em seu processo de desenvolvimento formal de suas capacidades e habilidades. Cada aluno é um ser único, pois possui suas peculiaridades individuais; por isso, os termos comparativos ou a tentativa de homogeneização não levam a lugar nenhum. Mesmo porque, não há aluno pior ou melhor, cada um tem suas habilidades e capacidades próprias.

Por isso, como esclarece Louro (2001) o professor, a cada ano, aprende a aceitar o desafio de novas turmas; respeitar e exigir respeito; conhecer os alunos para que possa ajudá-los; amá-los para que possam confiar nele; respeitar as informações e as experiências que trazem consigo; não ameaçar; aplicar medidas disciplinares inteligentes; não compará-los; mostrar a importância de sua matéria para o desenvolvimento dos alunos; sendo um referencial, criar um clima de amizade entre eles; acreditar na honestidade do aluno; dialogar; buscar novas técnicas de ensino; ser criativo; avaliar de forma inteligente; cativar o aluno; dar atenção aos alunos; não criar estereótipos; não usar frases prontas e ideias feitas; e, conviver com o aluno. Só assim se dará o real aprendizado; o professor que não seguir esses preceitos, jamais chegará a ser um bom educador.

É aos professores que cabe adquirir todo tipo de aprendizagem importante para o educando desenvolver-se individual e socialmente, a fim de tornar-se um agente de educação e não meramente um transmissor de conhecimentos; para Kullor (2002), é de fundamental importância que o professor esteja consciente de sua responsabilidade, tomando decisões de acordo com os valores morais e as relações sociais de sua época, considerando ainda as condições de vida familiar e social de seus alunos.

Pois é na qualidade do relacionamento entre o professor e o educando que ocorre a verdadeira educação. Dessa forma, a relação estabelecida durante o processo de aprendizagem deve ser recíproca; tanto o professor quanto a escola e o aluno compartilham da necessidade de interagir. O ensinar inspirando confiança constrói uma relação que possibilita um aprendizado mútuo.

Por isso, a prática diária da sala de aula é sempre um desafio. Muitas vezes, os professores não percebem a grandiosidade dessa função e se deixam levar pelo cansaço e pelo tédio da rotina escolar. Todos os professores passam por dificuldades e problemas, mas têm de entender que isso faz parte de sua escolha, que é a de formar pessoas. Cabe a eles contornar as dificuldades, superar os desafios e conquistar os alunos para o espetáculo grandioso do aprender.

É muito difícil que haja no ambiente escolar um atendimento diferenciado aos alunos com problemas, mas é necessário que se dê a eles uma oportunidade de se recuperar para que possam fugir da reprovação e não vir a ser um futuro candidato à evasão. O aluno ao ser reprovado sofre chacota dos colegas, repreensão dos professores e castigo dos pais; assim eles acabam achando que são incompetentes e podem optar por sair da escola, pois não encontra respaldo nela para a superação dos problemas que está enfrentando.

O ensino, portanto, tem como meta o aprendizado dos conteúdos pelo aluno, sua formação enquanto cidadão e o respeito pelas diferenças entre os alunos; a escola precisa assegurar ao aluno o domínio dos conhecimentos pedagogicamente sistematizados, selecionados e organizados pela escola, levando-se em conta sua realidade e suas necessidades.

É nessa reciprocidade entre os conteúdos, o ensino e a aprendizagem que ocorre o processo didático, responsável pelo conjunto de exigências existentes para que a escola proporcione um ambiente, físico e intelectual, que possibilite o processo educacional e mantenha a unidade entre o ensino e a aprendizagem, que depende também da forma como o professor trabalha os conteúdos em sala de aula.

Afinal, o fracasso escolar é um problema social e politicamente produzido, como afirma Freire (1999). Pois, os currículos escolares privilegiam a classe dominante, porque colocam matérias, dentro das disciplinas, que valorizam os saberes que a elite necessita e não abre espaço para matérias que as classes trabalhadoras necessitam aprender. Sabe-se que, o que os alunos de uma escola particular de um grande centro urbano aprendem, não é aquilo que um aluno de classe pobre de uma cidadezinha do interior precisa saber.

Por isso, para Freire (1999), os currículos devem ser adaptados ao que os alunos também precisam aprender, e não apenas ficar aprendendo uma centena de coisas que não dizem nada para elas, e isso é uma das grandes causas do fracasso escolar, porque o que se aprende não tem respaldo no cotidiano de seus alunos, não tem importância para ele porque não tem aplicação real. Dessa forma, os alunos sentem-se desmotivados a aprender porque o que se aprende é, para ele, inútil, devido ao fato de não aplicar os conhecimentos adquiridos na escola em sua vida.

Com isso vê-se que o problema da escola não diz respeito apenas ao que acontece em sala de aula, mas também a sua integração com a comunidade na qual está inserida a fim de formar

os cidadãos que necessitam. Mas, se a sociedade não cobrar da escola e do governo, que haja mudanças, elas não acontecerão. Sendo assim, a questão da não integração da escola à sociedade e o fato da escola estar ensinando ao aluno conhecimentos que não encontram respaldo em sua vida cotidiana e que o leva ao fracasso, é um problema também da sociedade.

### **A postura do professor e da escola como fator essencial para combater o fracasso escolar**

De acordo com a Revista Nova Escola (2009), a principal queixa dos professores em relação aos problemas enfrentados na sala de aula, seria a falta de atenção dos alunos e a indisciplina. Conversas paralelas, o uso de materiais que não são escolares, como por exemplo, fones de ouvido e celulares, atrapalham o andar das aulas, com isso o professor sente muitas dificuldades para lecionar.

Muitas metodologias que os professores propõem não agradam os alunos, havendo a dispersão da turma. Mas o comportamento do aluno não deve ocultar a responsabilidade do professor, este deve lançar mão de diferentes recursos e estratégias de ensino que envolva todo grupo nas atividades propostas. Quando os alunos estão envolvidos com as atividades dificilmente sobrar tempo para as atitudes de indisciplina.

Percebe-se que as escolas utilizam regimentos para manter o bom funcionamento e garantir a ordem. Entretanto, observa-se que alguns alunos têm dificuldades para cumpri-los e não sabe qual é a sua utilidade. Os castigos nas escolas são muito comuns, ou seja, o professor utiliza esse método para fazer com que seus alunos permaneçam em silêncio, porém, estes mesmos castigos sem diálogo apenas aumentam os índices de indisciplina, é o que assevera a Revista Nova Escola (2009). Mas se o professor não estiver atento e tiver sabedoria para explicitar aos alunos o valor das regras, os alunos por si só não irão respeitá-las.

O que a Nova Escola (2009) propõe é procurar as causas ao invés de agir sobre as consequências, ou seja, ir até a raiz do problema da indisciplina. Desde pequena a criança deve se acostumar com as regras que a sociedade impõe, mas antes que elas entendam o que é correto, elas vivem a chamada moral heteronômica, onde seguem as regras à risca, não usando a sua consciência para reelaborá-las de acordo com a situação que acontece no momento. Por volta dos nove anos a criança abre espaço para a moral autônoma, com isso, o respeito mútuo se sobrepõe à coação. A autonomia só irá existir se a criança tiver um relacionamento saudável em casa, baseando-se na cooperação e no entendimento do que é moralmente aceito.

Mas, para que o professor possa exercer sua prática e que a mesma possa ser exemplar, as condições físicas da escola devem ser favoráveis. A escola deve estar em sintonia com as famílias, resgatando as mesmas para o seu interior, promovendo encontros educativos, bem como palestras informativas que auxiliem na busca de soluções da Indisciplina.

Freire (1996, p. 96) diz que “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim, um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem.” Cansam porque acompanham as idas e vindas do pensamento do professor, porque busca racionar sobre o que ele está falando, porque tenta ligar a informação recebida com outros conhecimentos que possui, dessa forma a aula flui e o verdadeiro aprendizado acontece.

As teorias desses autores são ótimas, porém, os professores não as aplicam. Por mais que falem que o ensino vai mal, os próprios professores têm deixado as coisas acontecerem sem procurar fazer melhoria em suas aulas. Sabe-se que não são todos os professores que atuam de forma descomprometida com a educação, mas é a maioria deles. Essa falta de compromisso faz com que as aulas, mesmo que tenham qualidade e quantidade, sejam cansativas e tenham pouco aproveitamento por parte dos alunos, que se sentem entediados de ficarem sentados ouvindo o professor ou respondendo uma infinidade de exercícios, que para eles parecem sem propósito. Essa apatia do aluno, frente a essas aulas cansativas e monótonas, é indicativo de um aprendizado falho.

O professor não pode deixar que esse estado de coisas continue a acontecer. Pois, provavelmente, o tipo de aula que é dada é uma das causas da reprovação e da evasão escolar. E o compromisso do professor é manter o aluno na escola e dar-lhe uma educação de qualidade,

possibilitando a ele a aquisição de conhecimentos que serão importantes para sua vida na sociedade, no trabalho e nos estudos posteriores. O professor que deseja assumir com responsabilidade a sua tarefa de educador não pode permitir que os alunos se formem como seres medíocres ou que abandonem a escola. O professor precisa entender que é no sucesso do aluno fora da escola, que seu sucesso se realiza.

Freire (1996) diz que o professor deve ter respeito à autonomia, à dignidade, ao conhecimento e à identidade do educando e, na prática, ele deve procurar a coerência desse respeito, levando o aluno à criação de virtudes que o tornem um ser autêntico, e não apenas reproduza seres em massa. O professor não pode pretender a formação de um aluno-robô, aquele que apenas repete o que o professor diz ou obedece sem fazer uma crítica ou uma reflexão sobre o que lhe é cobrado; o professor deve formar um cidadão crítico que saiba se expressar diante das situações que aparecerem em sua vida; somente assim, o aluno será capaz de enfrentar as dificuldades que lhe aparecerão em seu futuro.

Não adianta o professor ficar enrolando os alunos por anos e anos. A forma como o professor dá aula afasta o aluno não só da escola, mas também do prazer das descobertas que faz ao aprender. É muito desconfortável ficar sentado de quatro a cinco horas por dia numa cadeira dura, ouvindo o professor falar de coisas que está fora de sua realidade imediata e que ela não sabe para que serve, de forma pouco atrativa. Para diminuir o desconforto das salas de aula, o professor deve utilizar dinâmicas, colocar o aluno para trabalhar os contextos a partir de coisas que chamam a atenção dele ou que façam parte de sua realidade, colocá-lo para pesquisar para que sinta o sabor das descobertas, enfim, dar aulas de forma diferente, prazerosa e que traga a aquisição de conhecimentos e reforce sua vontade de estar na escola.

O professor acha que inovar é apenas passar filme, dar uma aula com projetor ou passar uma música, não é só isso. O jovem de hoje tem outras necessidades, gostam de coisas que não faziam parte do mundo do professor quando este era aluno, como por exemplo: o bate-papo na internet, os jogos na rede e o RPG. Por isso o professor deve estar sempre se atualizando para se aproximar do mundo de seu aluno. O professor deve então, partir daí para fazer com que o aluno seja participante em suas aulas. Como por exemplo: numa aula de história fazer um retrocesso sobre a criação do computador, chegando até a Grécia antiga e os primórdios da Geometria e da Matemática; o professor de Língua Portuguesa pode utilizar textos dos jogos para fazer análise morfológica ou sintática; entre outras.

Há várias formas de integrar o mundo do estudante de Ensino Fundamental e Médio ao mundo dos currículos escolares. Mesmo que o professor dê uma aula expositiva, se souber utilizar o interesse do aluno ela será muito mais proveitosa. Mesmo que o professor deseje utilizar filmes para exemplificar sua aula, que busque filmes que os alunos gostem. O professor de física pode falar sobre vários assuntos usando como exemplo o filme "Matrix". O professor de História pode falar de mitologia a partir do filme "O Senhor dos anéis" ou "Harry Potter". Existem vários filmes que interessam às crianças e adolescentes que podem ser utilizados como gancho para os professores explanarem sobre determinado assunto, basta ter interesse em pesquisar.

A mesma coisa acontece com a avaliação, o professor busca apenas saber qual a quantidade de conteúdo que foi absorvido pelo aluno e não avalia a qualidade desse aprendizado. Por isso, a forma de avaliação também é uma forma de promover o fracasso escolar. Para que a avaliação seja construtiva, ela não pode basear-se simplesmente nas notas das provas, ela deve ser feita de forma continuada pelo professor; pois, como diz André (1999) é por meio da avaliação que o professor pode acompanhar efetivamente o processo de aprendizagem de seus alunos, como monitorar seu próprio modo de ensinar.

Com isso, além de estar buscando reforçar o ensino daquilo que o aluno não aprendeu e que foi detectado nas avaliações, o professor também pode saber se a sua forma de ensinar está tendo um resultado positivo frente aos alunos. Se não, ele tem que buscar melhorias para o seu ensino. Mas para isso, o professor precisa ser criativo, inventar novas formas de dar aulas e ter coragem de correr riscos.

Libâneo (1994) diz que o professor precisa se armar de todos os meios possíveis para proporcionar o aprendizado ao aluno. Segundo esse autor, o professor deve utilizar-se de técnicas para complementar e enriquecer o processo de ensino, tornando as aulas mais ricas e os conteúdos

mais fáceis para o aluno assimilar. Sabe-se que há um conjunto de conteúdos que o aluno deve aprender, mas isso não quer dizer que o professor não possa criar em cima deles, proporcionando uma forma agradável para o aluno se interessar.

Para que o aluno consiga ter sucesso na escola e aprenda, é necessário que haja uma sintonia entre ele, o professor, a escola e os conteúdos. É preciso que haja assimilação dos conteúdos, compreensão da linguagem utilizada, motivação para o estudo, valorização de suas experiências e um bom relacionamento com o professor. Dessa forma, o ensino contribui para a superação do fracasso escolar.

Um dos maiores responsáveis pela dificuldade do aluno na escola é o conteúdo da disciplina de Língua Portuguesa. A maioria dos professores apenas pede aos alunos para decorarem regras e normas, dando exemplos difíceis que os alunos não assimilam e cobrando deles uma perfeição nas respostas dos testes que muitas vezes nem o professor possui. Dessa forma, o aprendizado da língua portuguesa, que é a base para se aprender todas as outras disciplinas, torna-se um sofrimento para o aluno, que não podendo decorar uma gramática inteira sente-se incapaz de aprender o que o professor ensina. Ele então cria uma barreira contra essa disciplina que muitas vezes, se não for detectada e trabalhada pelo professor, leva à reprovação.

Libâneo (1994) diz que o aprendizado da leitura e da escrita é a base para que os alunos progridam em todas as disciplinas, como também aprendem a expressar ideias e sentimentos, aperfeiçoem sua capacidade de inteligência e ganhem uma maior compreensão da realidade social além de ampliar sua visão de mundo. Afinal, saber utilizar bem a língua para ler e escrever é um meio indispensável para expressar o pensamento, para que haja uma assimilação consciente e ativa de conhecimentos e habilidades, e é também um meio de conquista da liberdade intelectual do aluno.

Muitas vezes percebe-se que os alunos “vão mal” em várias disciplinas exatamente pelo fato de não saberem ler, interpretar e falar sobre determinado assunto. Isso atinge todas as disciplinas escolares, pois, quando um professor pede ao aluno para resolver qualquer problema de qualquer disciplina, ele precisa saber ler e saber interpretar o que o professor está pedindo; caso contrário, dará uma resposta errada ou inadequada para aquele contexto. A responsabilidade, nesse caso, recai sobre o professor de Língua Portuguesa, pois é sua função ensinar ao aluno ler, escrever e interpretar corretamente. A responsabilidade é muito grande, pois é a partir de um bom entendimento e da aquisição de conhecimentos da língua que o aluno irá sair-se bem na escola ou não.

Por isso, os professores de língua portuguesa são os primeiros que devem reformular seu método de ensino e buscar fazer com que o aluno aprenda de forma menos drástica do que vem acontecendo. O professor deve buscar contextualizar as normas gramaticais dentro do estudo e produção de textos para que possa se tornar um aprendizado mais leve que não sobrecarregue o aluno e não o force a estar decorando ao invés de aprender.

Além disso, ao resolver o problema da leitura e da escrita do aluno, o professor verá que ele terá uma melhora significativa em todas as disciplinas, pois estará hábil a interpretar qualquer texto, problema ou exercícios que os professores apresentarem a ele. Verão também que o comportamento do aluno irá melhorar, pois ele não precisará ficar se escondendo atrás de indisciplinas e poderá acompanhar a turma.

A dificuldade que os alunos encontram na leitura e na interpretação de texto, é um dos fatores que levam os alunos ao fracasso escolar. A escola deve, portanto, estar sempre buscando novos meios para incentivar seus alunos à leitura. Mas, primeiramente, é necessário que ensine seu aluno a ler, pois, como diz Bamberger, “muitas crianças não leem livros porque não sabem ler direito. Ninguém gosta de fazer coisas em que encontra muita dificuldade.” Esse fato justifica porque a maioria dos alunos não gosta de ler. Se essa dificuldade do aluno, não for detectada e trabalhada a fim de proporcionar-lhe meios de adquirir a leitura, ele poderá perder o interesse por seus estudos. As habilidades de leitura e a capacidade de interpretação são elementos fundamentais para que o aluno se dê bem em todas as disciplinas escolares.

Na escola, ler, escrever e interpretar textos, são três fatores fundamentais para que o aluno possa adquirir conhecimentos e desenvolver suas habilidades e competências. E não será apenas a escola que o reprovará se ele não adquirir essas habilidades. Ele também será reprovado na vida.

Pois não poderá disputar uma vaga de emprego em igualdade com outro que tem mais habilidades linguísticas que ele. Não poderá ser aprovado numa prova de concurso; demorará a ser aprovado em um vestibular. A escola é responsável em dar ao aluno a possibilidade de aprender a discursar, ler, escrever e interpretar textos em sua língua.

Sendo assim, os professores devem buscar adequar seu método de ensino às necessidades de seus alunos para que possa ocorrer a aprendizagem e, dessa forma, o aluno possa integrar-se com a escola, adquirindo um conhecimento consistente que o leve a ter sucesso em sua vida escolar.

Mas, não adianta o professor esforçar-se para ensinar seu aluno se a sociedade não oferece aos alunos das escolas públicas oportunidades de progresso profissional e ascensão social, isso ocorre porque a ideologia do dominante valoriza o desempenho e a conclusão escolares, daqueles que possuem as melhores e as mais extensas qualificações. E para isso, além do ensino da escola, é preciso outros aprendizados que as classes trabalhadoras não podem oferecer aos seus filhos por serem de custo alto, como por exemplo, o ensino de outras línguas e de informática, entre outros conhecimentos específicos.

Com essa visão da sociedade, somente os filhos da classe dominante que possuem um número maior de conhecimentos, é que conseguem oportunidades de bons empregos e de salários maiores; os filhos da classe trabalhadora ficam com os empregos menos remunerados devido ao seu menor grau de especialização.

Dessa forma, segundo Freire (1996), a classe dominante mantém seu *status quo* por meio de uma educação defasada oferecida às crianças das classes mais baixas. As escolas públicas servem para a manutenção desse círculo vicioso do sistema educacional. Enquanto as escolas particulares oferecem um ensino de maior qualidade aos filhos da elite, a escola pública oferece um ensino medíocre aos filhos da classe trabalhadora.

Enquanto essa visão elitista sobre a educação não mudar, a sociedade de classes dominantes continuará sendo preservada pela transmissão do saber, impedindo a ascensão dos pobres a uma vida com qualidade melhor. Isso porque, o sistema educacional reproduz e mantém o modelo social vigente.

Mas, a maioria da população brasileira é formada por trabalhadores e eles devem cobrar uma educação de mais qualidade para seus filhos, não podem apenas querer que passem de ano, devem exigir conhecimentos que os tornem capazes de disputar com igualdade as vagas de vestibulares e concursos. A manutenção da educação como está apenas faz com que os alunos vindos das classes trabalhadoras não recebam um ensino de qualidade e assim, não possam pretender alcançar uma posição melhor no mercado de trabalho.

Por isso, o fracasso escolar do aluno, enquanto responsabilidade da escola envolvem vários fatores e problemas, que se a escola não buscar resolver podem vir a levar a escola também ao fracasso enquanto promotora da aprendizagem e formação de cidadãos. É por isso, que as formas de resolverem essa situação não devem ficar apenas nos livros dos diversos autores que estão preocupados com a educação no Brasil. Elas devem ser colocadas em prática, para que o aluno sinta-se parte ativa de seu processo ensino-aprendizagem.

André (1999) diz para que haja aprendizado, o professor deve criar um ambiente de respeito e confiança na sala de aula, que eleve seus alunos a colocarem suas dúvidas e dificuldades, somente com esta forma, professor e aluno estarão juntos na luta contra o fracasso escolar. Por isso, não basta apenas ao professor buscar transmitir sua disciplina ao aluno, é preciso que ele interaja com o aluno e juntos busquem formas para evitar o fracasso.

Por ser no cotidiano da prática pedagógica que o conhecimento se faz, é que o professor deve realizar um trabalho cuidadoso que aponte as direções que podem seguir para aprimorar seu desempenho em sala de aula, assim como envolver seus alunos na construção do próprio saber e no gosto pelos estudos. Dessa forma, o ensino-aprendizagem pode ser algo prazeroso tanto para os alunos como para os professores quando estão integrados nesse processo. Por isso, o professor deve buscar a prática de uma pedagogia que deixe de centrar sua preocupação nos conteúdos, e passe a olhar para o aluno como o centro do processo educacional. É para o aluno que a educação existe, portanto, é para ele que professor deve voltar sua atenção na busca de novas práticas escolares.

O que a escola precisa é buscar uma forma para fazer com que seus alunos se interessem

mais pela aquisição de conhecimentos. Assim, uma das tarefas do professor tornar a aula mais agradável para seus alunos, trazendo material que seja do interesse de seus alunos, textos que estejam relacionados com sua realidade, entre outras atividades. O que parece é que a escola não está entendendo esse mundo novo em que seus alunos vivem, por isso, há uma necessidade urgente de que ela se atualize, para assim, aproximar-se da realidade deles e poder conciliar o conhecimento do aluno ao conhecimento que a escola visa transmitir. Sem isso, a escola irá se distanciar de seus alunos.

Nessa concepção, as instituições que formam ou dão cursos de atualização para professores, pecam; pois não ensinam ou estimulam os professores a adentrarem no mundo do adolescente para saber de suas preferências e utilizá-las na sua prática em sala de aula. Por exemplo: quantos professores já jogaram RPG? Quantos professores já assistiram Dragon Ball Z? Quantos professores ouvem Metallica ou Gabriel, o Pensador? O professor precisa estar consciente de sua tarefa de formação do aluno, por isso precisa trazer a realidade dele para a sala de aula, tornando o ensino prazeroso, só assim, estará contribuindo para diminuir o fracasso e a evasão escolar.

É uma ótima estratégia para que o aluno busque por si mesmo a construção de seus conhecimentos a partir daquilo que interessa a ele, e então, o professor ampliará esse universo que o interessa, adicionando outros conteúdos exigidos por sua disciplina. O professor pode trazer a cópia de uma música de interesse de seus alunos e a partir dela extrair o conteúdo da aula, e enquanto ouvem a música podem ir fazendo os exercícios ou produzindo textos.

A formação de escritores e de leitores é uma necessidade, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). Assim, as escolas devem buscar nas experiências pessoais de seus alunos os tipos de textos que mais apreciam, para a partir daí começar a juntá-los com os textos didáticos utilizados pela escola; dessa forma, eles estarão em contato com textos que precisam conhecer e com textos que lhes dão prazer. Mesmo porque, a leitura é uma viagem que pode ser realizada em múltiplos universos, por isso não deve ficar presa a um padrão apenas.

Portanto, se a escola realmente pretende que seus alunos tenham sucesso, é preciso que eles primeiro desenvolvam a leitura e a escrita, proporcionando a eles leituras críticas e reflexivas dos temas que lhes chamem a atenção. Porque, ao trazer para a sala de aula o que dá prazer ao seu aluno em termos de leitura, o professor estará despertando nele, não apenas o gosto pela leitura, mas também proporcionando um espaço onde possa participar com certeza do que está falando. Isso não só dá prazer ao aluno como também o faz repensar sobre sua responsabilidade diante de sua aprendizagem.

Assim, o aluno que se sente valorizado, que sabe que o professor se preocupa com sua formação educacional, que se sente integrado na escola, que sabe que não precisa temer a escola e que gosta daquilo que está aprendendo, não terá motivos para ser indisciplinado, não ficará alheio ao que acontece em sala de aula e procurará participar de forma ativa das aulas. Dessa forma, não apenas o aluno terá sucesso na escola, mas também o professor poderá sentir-se realizado em sua prática educacional.

## **Considerações finais**

A relação entre indisciplinada e fracasso escolar está no fato de que o aluno indisciplinado tende a não prestar atenção nas aulas e, com isso, não aprende o conteúdo. Com isso, fica sem os conhecimentos necessários para a realização das atividades avaliativas. Além disso, o aluno indisciplinado tem a tendência de se rebelar contra as normas e regras impostas pelos professores, por isso quase sempre não fazem as atividades propostas e não participam ativamente dos grupos de trabalhos escolares.

Assim, para que o fracasso pode ser abolido da vida escolar do aluno, é necessário haver uma reformulação na sociedade como um todo, mas enquanto isso não acontecer, a escola e a família devem continuar a preocupar-se em possibilitar ao aluno a aquisição de aprendizagens necessárias para a formação de conhecimentos. A família deve apoiar, estar presente na escola e auxiliar nas tarefas; o professor deve buscar metodologias que possibilitem um melhor aprendizado, deve motivar e incentivar o aluno; a escola deve oferecer um ambiente tranquilo e bem estruturado.

Vale destacar que as ações propostas no estudo apresentado precisam ser eficazes, políticas públicas devem ser desenvolvidas no sentido de (re) pensar o sistema educativo rapidamente

no Estado de Goiás, não há espaço para educadores despreparados e a administração escolar precisa ser conduzida como um processo bilateral, como compreendidos na pesquisa de campo no desenvolvimento desta dissertação, é hora de ação; soluções efetivas e concretas. Os professores têm que repensar a didática, buscar meios e mecanismos para fazer com que as aulas sejam atrativas e consequentemente produtivas e em contrapartida, uma mobilização por parte da comunidade escolar no Município de São Luis de Montes Belos, para que a Indisciplina possa ser tratada com a devida atenção e assim o fracasso escolar não terá mais um muro invisível que o sustenta.

## Referências

- ALMEIDA, Alfrêdo Lacerda et al. **Educação, saberes, teorias e práticas: encontros e desencontros**. São Paulo: Factash Editora, 2003.
- ANDRÉ, Marli (org). **Pedagogia das diferenças em sala de aula**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999.
- BOSSA, Nadia A. **Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 35. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- CARRAHER, Terezinha; CARRAHER, David; SCHLIEMANN, Analúcia. **Na vida dez, na escola zero**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CODO, Wanderley (coord). **Educação: Carinho e Trabalho**. São Paulo: Vozes, 1998.
- CORDIÉ, Anny. **Os atrasos não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar**. Porto Alegre: 1996.
- FRANCHI, Eglê. **E as crianças eram difíceis. A Redação na Escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 6. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- HARPER, Babette et al. **Cuidado, Escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas**. 35. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- IRELAND, Vera Esther (org.). **Repensando a escola: um estudo sobre os desafios de aprender, ler e escrever**. Brasília: UNESCO, MEC/INEP, 2007.
- KULLOR, Maira Gomes Brandão (org.). **Relação professor-aluno**. Maceió: Edufal, 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 4. ed. Editora Vozes: Petrópolis, 2001.
- MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández (cols.). **Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação: Introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Cada do Psicólogo, 1999.

PERINI, Mario. **Sofrendo a Gramática**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

PERRENOUD, Michel. **Piaget Hoje: Respostas a uma controvérsia**. Lisboa: Horizontes, 1999.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

REVISTA NOVA ESCOLA. **Indisciplina: Como se livrar dessa amarra e ensinar melhor**. p. 78-89. Ano XXIV – Nº. 226. Outubro, 2009.

Recebido em 30 de outubro de 2018.

Aceito em 6 de novembro de 2018.